

## DO PAPEL DA MULHER NA HIERARQUIA DE GÊNEROS NAS RELAÇÕES COM AS REPRESENTAÇÕES DE FALSTAFF E RODRIGO CAMBARÁ

Dóris Helena Soares da Silva Giacomolli<sup>1</sup>

**RESUMO:** Os impasses na coexistência entre os sexos, o machismo, as relações de poder, a desconsideração e o desprezo pelo feminino se impõem com a aceitação da sociedade como um todo, é isso não é algo recente na história da humanidade. Para problematizar essas relações interpessoais que se manifestam entre homens versus mulheres e que têm um componente de poder e hierarquia, focaremos nas relações que dois personagens masculinos mantem com o feminino e para isso escolhemos Rodrigo Cambará, personagem de *Um certo capitão Rodrigo* terceiro capítulo de *O continente*, primeiro volume da trilogia *O Tempo e o vento*, texto épico regional do escritor Erico Verissimo e Falstaff, personagem representado nas peças de William Shakespeare *Henrique IV, Parte I e Henrique IV, Parte II; Henrique V e As alegres comadres de Windsor*

**PALAVRAS-CHAVE:** Rodrigo Cambará. Falstaff. Relações de Gênero. Papel feminino.

**ABSTRACT:** The deadlock in the coexistence relations between the sexes, machismo, power relations, the disregard and contempt for women impose themselves with the acceptance of society as a whole, and that is not a recent phenomenon in human history. To discuss these interpersonal relationships men versus women that have a component of power and hierarchy, we will focus on the relations that two male characters keep with the female and we chose Rodrigo Cambara, a character certain Captain Rodrigo third chapter of the continent, the first volume the trilogy Time and the wind, regional epic writer Erico Verissimo text and Falstaff character represented in the plays of William Shakespeare Henry IV, Part I and Henry IV, Part II; Henry V and The Merry Wives of Windsor we chose Rodrigo Cambara, character A certain Captain Rodrigo of the continent, the first volume of the trilogy The Time and the Wind, regional epic text by the writer Erico Verissimo and Falstaff character that appears in plays by William Shakespeare Henry IV, Part I and Henry IV, Part II; Henry V and The Merry Wives of Windsor

**Keywords:** Rodrigo Cambará. Falstaff. Gender Relations. Female role.

A figura da mulher veio, através da história, do tempo, dos mitos e lendas como uma ameaça e desgraça ao homem, construído diretamente pelas mãos de um deus e por isso já superior e mais perfeito. A parábola seminal se dá onde um deus cria o homem e de alguma forma a mulher é criada e mandada a

---

<sup>1</sup> Mestre em Literatura Comparada- UFPEL

este, como um mal que o seduz e o faz pecar, é fundamentalmente a mesma se repete nos mitos ancestrais da origem dos homens.

De acordo com uma das versões do mito de Pandora em BULFINCH, (2000, 9ª edição, p. 20-22) Prometeu, era um dos titãs, uma raça gigantesca, que habitou a terra antes dos homens. Eles foram incumbidos de fazer o homem, por ordem de algum deus, que não se sabe exatamente qual, provavelmente Júpiter. A ordem exata era que ele devia ser superior a todos os outros animais, mas quando Epimeteu (irmão de Prometeu) foi dar-lhe essa superioridade, percebeu que tinha distribuído todos os recursos e qualidades entre os outros animais. Prometeu subiu aos céus e com a ajuda da deusa Minerva, roubou o fogo dos deuses para dar ao homem que, desta maneira, garantiu sua superioridade perante todos os outros habitantes da terra. Mas os deuses se zangaram com a audácia de Prometeu e decidiram vingar-se pelo roubo do fogo, e com a ousadia do homem por tê-lo aceito. Então, como forma de vingança, criaram a mulher e a enviaram a terra. Epimeteu a aceitou de boa vontade, mas foi advertido por seu irmão que deveria ter cuidado com o deus que a tinha feito e enviado. Um presente vindo dele deveria ser algo maligno. E assim cumpriu-se a profecia: Pandora abriu uma caixa que Epimeteu tinha escondida em sua casa e assim, “escapou e se espalhou por toda a parte uma multidão de pragas que atingiram o desgraçado homem, tais como a gota, o reumatismo e a cólica, para o corpo e a inveja, o despeito e a vingança, para o espírito. (BULFINCH, 2000, p. 22) Weir, (2014), ironiza ao considerar Pandora (à semelhança de Eva) uma punição para a humanidade: ”Como Eva, ela introduz o sofrimento na história humana, embora, dessa vez, na condição de portadora de uma caixa contendo todos os males do mundo. (WEIR, 2014, p. 12)

Percebe-se que o homem quase sempre foi o dominante, já incluindo o período paleolítico, restando à mulher o papel de dominada. Segundo SAFFIOTI (2004, p. 44), em seu trabalho *Gênero, patriarcado, violência* patriarcado “é o regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens”, que se estabeleceu gradativamente entre os últimos quatro e onze mil anos, na passagem do paleolítico para o neolítico. Nessas sociedades onde predominavam a caça e coleta, as mulheres eram tidas como poderosas e fortes e eram as detentoras do poder. Eram consideradas mágicas, pois tinham a capacidade de dar a luz. O desempenho delas era importante, chegando a existir sociedades onde tinham papel imprescindível na conservação da

vida e na perpetuação da espécie. Os homens ficavam responsáveis pela caça que não era uma ocupação diária, mas apenas sazonal. Esse espaço de tempo ocioso, como era de se esperar, usaram-no para observação e descoberta: descobriram-se ativos no ato da reprodução e portanto também possuidores da capacidade de gerar vida. Construíram sistemas simbólicos para apropriarem-se do poder, o que levou ao surgimento da família patriarcal. (SAFFIOTI, 2004)

A igreja católica tem papel enorme na difusão das ideias machistas e da opressão masculina. Essa opressão era estimulada pela Igreja Católica que associava a figura feminina ao mal em todas as suas formas e que deveria estar sempre sob vigilância e dependência, de preferência do homem, que lhe era superior em tudo e dotado de virtudes. As mulheres também por gerarem a vida, eram consideradas misteriosas. A capacidade de manipular as plantas e curar doenças era mais um motivo de desconfiança por parte da igreja.

Essas ideias a respeito da mulher, já anteriores ao cristianismo, ganharam força devido à desconfiança dos clérigos, que a consideravam pecadora, já que descendente de Eva, responsável pelo pecado original. Eles atribuíam à mulher todas as calamidades ocorridas sobre a terra, já que Eva, a mulher que não só foi a primeira a pecar, mas também aquela que primeiro traiu a confiança divina e induziu o homem a pecar: Disse o homem: "Foi a mulher que me deste por companheira que me deu do fruto da árvore, e eu comi". (Gênesis 3:12)

Pelo pecado original, Eva levou Adão a comer o fruto que ela lhe oferecia, amaldiçoando para sempre a figura feminina a tornar-se ainda mais desprezada e depreciada. Adão e Eva e mais outros tantos incontáveis exemplos são referenciados pela bíblia e pela igreja que sublimam o homem e denigrem a mulher, que corroboram com a dominação masculina sobre essa mulher que é considerada um ser volúvel em quem não se pode confiar, condenada que estava por Deus: "Multiplicarei os sofrimentos do teu parto; darás à luz com dores, teus desejos te impelirão ao teu marido e tu estarás sob o teu domínio."(Gênesis3:16) O homem desde os tempos imemoriais estava no comando e a mulher sob o seu jugo, mas isso não era uma coisa boa, somente um castigo também a ele: "Porque ouviste a voz da tua mulher e comeste do fruto da parvore que eu te havia proibido de comer, maldita seja a terra por tua causa." (Gênesis3:16-19)

A figura feminina tornou-se tão estigmatizada na cristandade que passou-se a acreditar que elas carregavam dentro de si o sinal do mal. As mulheres carregam dentro delas, o estigma

de serem criaturas inferiores, que carregam as moléstias, que devem ser vigiadas e punidas para que não tornem a pecar.

Além disso, segundo Corbin (2013), há textos mais preocupados em denegrir a figura feminina do que exaltar a figura masculina:

Os textos que consagram a superioridade masculina se dedicam mais a denegrir o feminino do que a exaltar positivamente a masculinidade. Com certeza, os gêneros se constroem num confronto recíproco, mas o discurso de desvalorização das mulheres revela-se mais simples e apropriado na construção de um modelo de virilidade fundado em valores masculinos positivos. (CORBIN, 2013, p. 46)

O Cristianismo ajudou a manter essa ideia da mulher pecadora porque assim assegurava o poder dos homens sobre ela e sobre a sociedade como um todo. A mulher estava sujeita às vontades dos homens, num mundo masculinizado que oprimia as ações femininas.

Anos e anos de autoritarismo e hegemonia masculina centrados em comandos divinos e pretensões celestiais, ajudaram a reforçar esse sentimento de culpabilidade atribuídos às mulheres pela igreja. Toda essa subserviência e culpabilidade das mulheres serviu para reafirmar o autoritarismo das sociedades patriarcais e alimentar o orgulho e supremacia masculina.

O papel da virgem Maria neste universo castrador da força feminina representou um elo entre Deus e a humanidade, elo este que Eva tinha maculado:

Apesar da visão negativa de Eva estar no centro do Cristianismo, importa não esquecer que existe uma certa ambiguidade relativa ao seu pecado. Tal como Maria, Eva pode ser considerada fundamental para assegurar a inevitabilidade do trabalho redentor de Cristo. O Cristianismo reconhece uma ligação entre as duas mulheres no que diz respeito ao próprio nascimento de Cristo. Maria assume-se como a “Nova Eva” no sentido em que as repercussões do ato de desobediência de Eva são redimidas pelo ato de uma outra mulher. A obediência de Maria vai originar a redenção do mundo: o nascimento de Cristo. (RIBEIRO, 2000, p. 6)

Maria representa o modelo apresentado pelo cristianismo do que significa a mulher exemplar, que se encaixa perfeitamente no mundo masculino: a mulher submissa e abnegada. “No discurso cristão, Maria, modelo de virtude, como toda mulher deveria ser, o resultado da soma de esposa obediente e submissa, mãe zelosa e amorosa e dona-de-casa abnegada exemplar.” (JURKEVICS, 2010, p. 3) Todo esse discurso ratifica o papel das mulheres na sociedade: a pecadora, no papel de amante e fêmea, que servia aos homens para o sexo livre e a virgem no papel de mãe, esposa e dona de casa:

A maternidade assume em Maria um significado de ações práticas para as próprias mulheres, no que se refere aos seus papéis, tanto no âmbito doméstico, quanto social. Nesse sentido, a hierarquização sexual e conseqüente dominação masculina, necessariamente passam pela perspectiva das características femininas, sobretudo a

capacidade de dar à luz, considerada algo fundamental à feminilidade e que sustentaram as construções sociais de gênero. (JURKEVICS, 2010, p. 3)

Por muito tempo as mulheres devem ter se sentido confusas a respeito de suas emoções. Não é fácil carregar uma mistura de sensações e culpas que lhes foram amputadas, acrescidas de medos, remorsos, e sentimentos de inferioridade. Ninguém é tão acusado sem que assimile algumas culpas e acabe assumindo-as, e ao final, concordando com a história do mundo: podemos mesmo ser detentoras de toda a maldade do mundo? Afinal, como diz Corbin (2013) a dominação do feminino tem passado. E certamente, ainda tem presente. Com isso vem uma necessidade esmagadora de aguentar, aguentar tudo, sempre: “A virilidade, esse agente duplo, não cessa de transitar de um sexo a outro, à medida que se origina num gênero. É assim que a dominação sexual existe: ela tem um passado e um futuro, obviamente.” (CORBIN, 2013, p. 389) A ideia da hegemonia masculina não foi disseminada somente pela bíblia, ela é muito mais antiga. Os antigos pagãos, muito antes das escrituras, tinham a sua própria versão e já falam nessa superioridade.

As sociedades, tanto a grego-romana quanto a judaico-cristã, reconheciam a mulher apenas como uma sombra do homem. As sociedades gregas notabilizavam a superioridade masculina conforme descreve a *História da virilidade, de Jean Jacques Courtine Corbin*:

As sociedades gregas privilegiam o varão, e, para além dos caracteres fisiológicos intatos, se esforçam para construir uma identidade masculina dominante, aquela do cidadão que, somente ele, tem acesso ao político [...]mulheres, jovens, crianças, e naturalmente estrangeiros e escravos não podem estar senão ao serviço do único grupo dominante, os homens adultos. (CORBIN, 2013 p. 69)

As evoluções históricas se deram, mas o poder do masculino ainda era quase sem limites, como, por exemplo, na Grécia antiga em ele se exercia “sem limites sobre as mulheres da família, ao passo que as aventuras amorosas do marido não passaria de motivo para lamentação por parte da esposa legítima.” ( CORBIN, 2013, p. 65) Ainda em Corbin vamos encontrar o seguinte esclarecimento: “somente os homens perpetuam a linhagem, já que a mulher, ao casar-se, deixa sua *oikos natural para fundir-se a uma oikos estrangeira.* (CORBIN, 2013, p. 68) Aos homens cabia poucas responsabilidades em relação aos filhos. Ao pai cabia “a responsabilidade quase única do varão na concepção não se traduz absolutamente em responsabilidades agudas do pai após o nascimento, a não ser o reconhecimento da legitimidade e a escolha do nome.” (CORBIN, 2013, p. 67) A sociedade medieval organizou-se em bases patriarcais, uma tradição de dominação

e jugo sobre mulheres. A elas era reservado o espaço doméstico, onde deviam ter como preocupação nada além da casa e da geração de filhos. A mulher deveria aceitar seu cônjuge como seu dono, guia e mestre por toda a vida. A mulher era concebida como um indivíduo passível de dominação. Desde criança era controlada por um homem; pai, marido e até mesmo os filhos; ao longo de suas vidas ficavam enclausuradas no espaço fechado no meio familiar: procriar e educar suas crianças, seu trabalho deveria ser apenas o doméstico. Segundo regras de conduta, passava a ser obrigação da esposa ser obediente ao marido. Dizendo de outra maneira, o papel do marido na vida da mulher era de total autoridade, e a formação de uma família representava para o homem nada mais que um bom negócio: “O casamento tem base calculista e serve como mecanismo de produção, conservação e transmissão do capital e da propriedade. Bons casamentos aumentam o patrimônio.” (GOMES, 2011, p.100) O período de supremacia do patriarcado permaneceu por vários séculos.

Muitos estudiosos debruçam-se sobre conceitos como masculinidades e relações entre os homens e as mulheres e suas origens históricas. Buscam compreender por que se dão tantos conflitos e há tantas questões mal resolvidas relacionadas a disputas de poder entre os sexos, e a exacerbação de sentimentos e desigualdades quando questões de poder estão em discussão.

Na história da humanidade sobrou pouco espaço para as mulheres, uma vez que o domínio dos homens era algo que prescindia de justificativa, como assinalou Pierre Bourdieu (2002) em seu livro *A dominação masculina*. As ideias de Bourdieu sobre como acontece essa dominação se apresentam com as seguintes palavras: “está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (...), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos hábitos dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação” (BOURDIEU, 2002, p. 17). O escritor teoriza sobre essa dominação ao analisar a sociedade Cabila e defende a noção de que a reprodução da dominação masculina é possível porque há uma ordenação do mundo a partir de categorias particulares do pensamento masculino; chegando a “acumular e condensar duas operações: ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada” (BOURDIEU, 2002, p. 33). Este estado de dominação se garante natural e indiscutivelmente, ao redor do qual as mulheres gravitam.

Bourdieu utiliza-se da seguinte argumentação: a ordem patriarcal de gênero é imposta, não demandando sequer legitimação, as mulheres são efetivamente vítimas desta conjuntura. O autor menciona que a dominação pode ser compreendida a partir da utilização de categorias construídas sob a perspectiva dos dominantes sobre as relações de dominação e, conseqüentemente, estas relações passam a ser vistas como “naturais” (BOURDIEU, 2002, p.33)

Bourdieu (2002, p. 136) ressalta que “o esforço no sentido de libertar as mulheres da dominação, isto é, das estruturas objetivas e incorporadas, não pode se dar sem um esforço paralelo no sentido de liberar os homens dessas mesmas estruturas que fazem com que eles contribuam para impô-las, “pois, na perspectiva relacional, os homens também estão prisioneiros e, sem se aperceberem, vítimas, da representação dominante” (BOURDIEU, 2002, p. 63).

O conceito que Bourdieu criou para essa dominação simbólica diz que:

A força da ordem masculina pode ser aferida pelo fato de que ela não precisa de justificação: a visão androcêntrica se impõe como neutra e não tem necessidade de se enunciar, visando sua legitimação. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica, tendendo a ratificar a dominação masculina na qual se funda: é a divisão social do trabalho, distribuição muito restrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu lugar, seu momento, seus instrumentos. (BOURDIEU, 2002, p.15)

Neste sentido, a própria dominação constitui, por si só, uma violência.

A violência simbólica institui-se por meio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominador (logo, à dominação), uma vez que ele não dispõe para pensá-lo ou pensar a si próprio, ou melhor, para pensar sua relação com ele, senão de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo senão a forma incorporada da relação de dominação, mostram esta relação como natural; ou, em outros termos, que os esquemas que ele mobiliza para se perceber e se avaliar ou para perceber e avaliar o dominador são o produto da qual seu ser social é o produto. (BOURDIEU, 2002, p.41).

O machismo então pode ser definido como a ideologia que legitima o controle econômico do sistema político *patriarcal*, se impondo entre homens e mulheres, baseando-se na relação entre os sexos mediado pela liderança masculina machista e contando com a aceitação da sociedade em geral, estruturada com o apoio do Estado, da família e da Igreja, que delegaram aos homens o poder econômico e o controle social, através da força e da coerção que privilegiava um sistema hierárquico onde o patriarca era o senhor absoluto. As evoluções históricas se deram mas o marido ainda era quase sem limites, como na Grécia antiga: “O poder masculino se exerce sem limites sobre as mulheres da família, ao passo que as aventuras amorosas do marido não passaria de lamentação por parte da esposa legítima.” (CORBIN, 2013, p. 65) ”O homem como *Kýrios*

(senhor), isto é, aquele que tem poder sobre elas, dispõe das mulheres, quer sejam suas filhas, irmãs, sua esposa ou alguma outra mulher de sua família, sobre a qual ele julga ter autoridades.” (CORBIN, 2013, p. 63) Este culto à figura do macho, do masculino, aparece com toda a força em *Um certo Capitão Rodrigo*, com o culto à figura do varão: “Rodrigo não podia esconder seu orgulho e sua satisfação por ter um filho macho.” (VERÍSSIMO, 1995, p.267)

Richard Bascham escreveu um artigo intitulado *Machismo*, onde afirma que este vocábulo se aplica à sociedade que considera a mulher talhada exclusivamente para a procriação. A palavra macho tem suas origens no latim “vir”, que significa varão, macho. “O vir, com certeza, se opõe ao gênero e ao comportamento feminino (CORBIN, 2013, p. 76) As condições para que o machismo floresça são menos comuns em sociedades em que a ênfase nessas questões não é muito definida (BASCHAM, 1976) A pergunta *Why does the machismo syndrome tend to be more predominant in Latin societies than in those of Northern Europe?*<sup>2</sup> pode ser minimamente respondida no contexto em que estamos analisando se levarmos em consideração que a sociedade gaúcha era predominantemente patriarcal e o machismo profundamente arraigado na figura do gaúcho e o papel da mulher também estava definido pela restrição ao ambiente feminino, da casa, do gineceu, baseando-se na crença de que as mulheres tinham mais sensibilidade, sentimento que seria inato para o cuidado de crianças e da casa. Havia uma grande desigualdade entre homens e mulheres.

### **RODRIGO CAMBARÁ**

Essa visão da mulher ainda não mudou muito até os dias de hoje, mas, certamente, a mulher era assim vista por Rodrigo Cambará, personagem de *Um certo Capitão Rodrigo* de *O continente*, primeiro volume da trilogia *O Tempo e o vento*, texto épico regional do escritor Erico Verissimo e também por Falstaff, personagem que aparece nas peças de William Shakespeare, *Henrique IV, Parte I* e *Henrique IV, Parte II; Henrique V* e *As alegres comadres de Windsor*. Percebe-se que na obra de Verissimo (1995a) e Shakespeare<sup>3</sup> (1995) as mulheres não eram consideradas como iguais num espaço em somente os homens mandavam. Falstaff, assim como

---

<sup>2</sup> Tradução da pergunta-base do artigo *Machismo* de Richard Bascham: Por que a síndrome do Machismo tende a ser mais predominante nas sociedades latinas que na Europa Setentrional?

<sup>3</sup> As peças Henrique IV, parte I, será abreviada como 1H4, Henrique IV, parte II será 2H4 e Henrique V será H5. As citações da peça *Henrique IV, Parte I* são todas à edição Dramas históricos, obras líricas, apêndice. Tradução F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes. 1969. Tradução de: *The First Part of Henry the Fourth, The Second Part of Henry the Fourth, The Life of Henry V, The Merry Wives of Windsor*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.



Rodrigo, vivia numa sociedade machista, na qual o homem é o membro fundamental da organização social; o chefe é o homem, dono da autoridade e do poder de macho, o qual não hesita em exercer sobre as mulheres e os filhos. A figura feminina é subalterna ao homem e, por não ter voz nem vez, atua passivamente diante da sociedade. Há oposição entre masculino e feminino, o que diferencia os papéis sexuais atribuídos ao homem e à mulher, contribuindo para as distinções baseadas no sexo, as quais ocorreram durante o casamento do Capitão Rodrigo e Bibiana. Há diferenças entre as próprias relações de masculinidades; o Capitão Rodrigo em confronto com as outras individualidades masculinas do povoado fictício de Santa Fé. O povoado de Santa Fé, imaginado por Erico Verissimo para existir no interior do Rio Grande do Sul será nosso espaço e Bibiana e sua trajetória constituirá uma amostra da opressão vivida pelas mulheres; a representante deste grupo social sobrecarregado com um certo tipo de tarefas que ilustram a divisão social e sexual.

Rodrigo estava em seu direito de fazer o que quisesse, desde que permanecesse casado, pois Bibiana era sua propriedade e responsabilidade pois “somente os homens perpetuam a linhagem, já que a mulher, ao casar-se, deixa sua *oikos* natural para fundir-se a uma *oikos* estrangeira. (CORBIN, 2013, p. 68)

As mulheres eram consideradas objetos físicos privados, propriedade dos homens, que esperavam que elas fossem dóceis, femininas e cuidassem das casas e gerassem filhos, de preferência do sexo masculino, para que perpetuassem o regime patriarcal da sociedade. Mulheres, segundo as regras machistas do povoado, eram reificadas, secundarizadas e subordinadas. Todas eram submissas e destinadas a servir aos homens.

Em *Um certo capitão Rodrigo*, Juvenal, irmão de Bibiana, ofende-se ao ouvir que o Capitão queria mulher para servir-lhe aos desejos físicos e procurou defendê-las dele, mas, por sua vez, mostra uma fala machista, ao pretender que mulheres precisam da defesa dos homens, e ao dizer que todas tem donos, assim comparando-as a objetos, a coisas. Juvenal faz ainda uma outra distinção entre *mulher* e *moça de família*. *Mulher* seria aquela que poderia servir aos desejos dos homens, remetendo à representação da mulher como objeto sexual; já *moça de família* queria significar moças virgens e honradas que aguardavam casamento dentro de seus lares, sob o olhar vigilante do pai e dos irmãos e em antecipação à futura proteção zelosa de

maridos preocupados em manter intacta sua honra, para que, ao final, também servissem ao desejo dos homens.

Um filho homem era o que se esperava. Uma filha mulher era aceita, mas não desejada. Em Santa Fé, o mundo dos homens entrava na mesma esfera do mundo das mulheres apenas no que dizia respeito à casa, ou na criação dos filhos, quando então estes, se fossem homens, conviviam no mundo das mulheres. Mas se esperava que crescessem logo para entrar para o mundo dos homens. Todos os outros assuntos eram de homem, que tinham muito pouco a ver com o assunto das mulheres. Todos esperavam o orgulho de ter um filho varão, um filho macho, o que era um desejo amparado em longa tradição de homens desejando filhos homens para perpetuar seus nomes, herdar e gerir seus bens: "Oriundo de família prestigiosa ou não, a preocupação do varão grego é ver-se prolongado noutro varão, o qual perpetuará sua linhagem." (CORBIN, 2013, p. 68) Rodrigo, ao ver-se casado com Bibiana, e saber-se pai de um filho do sexo masculino, fica exultante: "Rodrigo exclamou:- Mais um Cambará macho" (VERÍSSIMO, 1995 p.266) Do filho homem se esperava que trilhasse os caminhos do pai, da masculinidade, da macheza. "Talvez fosse um homem e herdasse o gênio do pai. "(VERÍSSIMO, 1995, p. 261)

Até mesmo as mulheres eternizavam estas estruturas binárias. Elas admitiam e aceitavam as estruturas sociais androcêntricas vigentes. Ao pai cabia "a responsabilidade quase única do varão na concepção não se traduz absolutamente em responsabilidades agudas do pai após o nascimento, a não ser o reconhecimento da legitimidade e a escolha do nome." (CORBIN, 2013, p. 67) Carregar no ventre o filho do homem amado, ser capaz de perpetuar a raça e o sangue daquele homem eram motivos de orgulho. Bibiana não pensava que estava carregando um filho seu, que perpetuaria a si própria, independente do homem que a tivesse fecundado. Isso era de menos importância, menos valorizado por ela mesma, já que era desvalorizado por toda a sociedade machista que a cercava: "voltou para casa pensando naquelas palavras. E à medida que os minutos passavam ia crescendo sua indignação. Filho do Bento! Ela estava satisfeita e orgulhosa por trazer dentro de si um filho do capitão Rodrigo Cambará". (VERÍSSIMO, 1995. p. 260)

Neste tempo, havia muito perigo para mulheres, principalmente o risco de ataques às casas, e o risco de estupro e violência. Os pais só sentiam-se liberados das responsabilidades com o futuro das filhas quando estas casavam-se:

Pedro não tirava os olhos de Bibiana. A filha era uma das poucas alegrias de sua vida. Mas não chegava a ser uma alegria completa, porque também lhe dava grandes cuidados. Criar filho homem era mais fácil e menos arriscado. Juvenal estava casado, vivia a sua vida: tratava-se duma questão resolvida. Mas com Bibiana a coisa era diferente. Estava com vinte e dois anos e ainda solteira numa terra em que as moças se casavam, às vezes com catorze ou quinze anos. Ele sabia duma que se casara no Rio Pardo antes de completar treze... A sua pressa em arranjar marido para a filha lhe vinha do medo de morrer duma hora para outra, deixando a família desamparada.[...]. Havia ainda e sempre o perigo das guerras; e os castelhanos não estavam muito longe de Santa Fé. Ele tinha uma experiência amarga. Mais cedo ou mais tarde haveria outra invasão e era um risco muito grande ter mulher moça em casa num lugar abandonado como aquele. (VERÍSSIMO. 1995, p. 65-67)

Com quem casariam, quem as proveria quando os pais morressem, o que fariam para sobreviver? E se um homem as enganasse, tirassem proveito de suas ingenuidades, de suas fraquezas? Era difícil criar uma filha para que se tornassem motivos de orgulho para os pais que um dia as entregariam em casamento a algum moço de bons preceitos. O que se esperava delas seria que se realizassem em suas vidas de mulheres, de casamento e geradora de filhos. Segundo Corbin, (2013) “O homem se encontra no centro de um dispositivo matrimonial no qual a mulher não tem nada a dizer”; seu principal objetivo seria tornar-se mãe, sem o qual uma mulher não seria uma verdadeira mulher. O desejo das mulheres também era agradar os maridos, satisfazê-los. Bibiana, como mulher pertencente àquela sociedade, nunca se posicionava, nunca se colocava à frente do marido, nem mesmo ao seu lado. Era submissa, passiva, conformada e obediente. Quando Rodrigo escolheu o nome do menino, ela aceitou sem reclamar: “Bibiana não gostou do nome, mas não fez o menor reparo: o desejo do marido era para ela uma ordem” (VERÍSSIMO, 1995, p. 266), já que ao pai cabia “o reconhecimento da legitimidade e a escolha do nome” (CORBIN, 2013, p. 67) Estas ideias impostas, cristalizadas colocavam as mulheres em situações em que o controle da contracepção não era fácil, senão impossível. Pelo contrário, as mulheres queriam filhos, não apenas um, mas uma grande família: “Uma hora depois estavam os dois deitados e, revolvendo-se na cama, Bibiana, disse: - Um filho só é ruim, Rodrigo. Fica muito mimado. Na verdade ela pensava numa menina, em alguém que lhe pudesse fazer companhia no futuro. “(VERISSIMO, 1995, p. 289-290) Ao tornarem-se mães, a responsabilidade

de criarem e educarem os filhos e a casa recaía totalmente sobre as mulheres:”Bibiana tomava conta dos filhos, alimentava-os, lavava-os, vestia-os e afligia-se quando eles adoeciam. Rodrigo não a ajudava em nada. Bibiana pensava em arranjar uma criada, visto como o marido se recusava a comprar uma escrava.” (VERÍSSIMO, 1995, p.295, grifo nosso) As mulheres da família de Bibiana cresceram absorvendo os valores culturais que foram passando à Bibiana, que é educada em contato com esses padrões de comportamento dos homens e das mulheres dentro da sociedade pequena em que vive, sob o poder patriarcal.

Não há qualquer questionamento sobre a maneira de se comportar ou do que se espera dela enquanto mulher, acostumada aos mecanismos de repressão instalados na sociedade em que vive. Na sociedade patriarcal a mulher era educada para nunca sentir-se um ser sexual. Sexo teria que ser incidental e provocava culpa se viesse com frequência acentuada: “É essa sensação de pecado, essa impressão esquisita de que Rodrigo não era seu marido e de que ela não passava duma "china de soldado", não a abandonou nunca durante toda a lua-de-mel (VERISSIMO, 1995, p. 246)

Bibiana acreditava, como todas as mulheres no povoado, que havia trabalhos que cabiam a ela, enquanto mulher; que havia papéis a serem desempenhados na construção e manutenção da sociedade. Alguns se achavam ligados a ela, tais como cuidar da casa, dos filhos, da roupa dela e da família, fiar, usar a roca. Em outros termos: ao homem bastava reconhecer o filho, mas nunca ocupar-se com sua criação: “São as mulheres, portanto, que se ocupam das crianças, como se os pais não tivessem nenhuma responsabilidade em sua formação.” Apesar de parecer que esta citação se refere à Santa Fé de Erico Verissimo e a como Rodrigo Cambará se manifesta em relação a seus filhos, estamos nos referindo à educação de filhos, na Grécia; citando *Corbin*, (2013, p. 23) Vemos esta construção ideológica em que a obrigação com os filhos está com a mãe, nunca com os pais. Rodrigo segue um modelo antigo, trazendo na bagagem um atavismo que o faz comportar-se de acordo com o que uma sociedade, uma vez, exigiu do comportamento de um macho e da qual Santa Fé é uma cópia, em muitos sentidos. Rodrigo nunca participava dos papéis que considerava femininos; não cuidava dos filhos e nem era exigido dele que participasse do processo.

Alguns trabalhos pertenciam a Rodrigo, mas na maioria das vezes Bibiana tinha que cuidar também da venda: “quando ele estava ausente em suas viagens para o Rio Pardo, era Bibiana quem tinha de ir atender a freguesia.” (VERÍSSIMO, p.297) Esse trabalho seria de Rodrigo, já que foi esse o acordo que ele fez com Juvenal Terra ao dizer-lhe que pretendia pedir Bibiana em casamento: “Vosmecè tem uma carreta e eu tenho um dinheirinho. Vamos fazer uma sociedade. Vosmecê faz o sortimento no Rio Pardo e eu tomo conta da loja aqui.” (VERÍSSIMO, 1995, p.135)

Bibiana e toda a sociedade em que estavam inseridos nunca questionavam as desigualdades entre os homens e mulheres, nem os papéis que esta sociedade designava a cada um deles. Bibiana teve uma relativa autonomia ao poder optar se queria casar com o Capitão, mas depois disso concentrou-se em cuidar do marido e dos filhos. “Durante a ausência de Rodrigo, Bibiana de dia ajudava Juvenal na venda e ao anoitecer dirigia-se para a casa dos pais, onde pernoitava. Fiava na roca roupas para o filho”. VERÍSSIMO, 1995, p. 260)

A maternidade, um dos fatores de desigualdades entre os sexos, terminou de afastar Rodrigo da casa e de Bibiana. O que poderia ser um vínculo, tornou-se um dos pivôs do atrito entre eles. Bibiana era totalmente responsável pelo cuidado dos filhos. Rodrigo não só ignorava que poderia contribuir nas tarefas diárias, como, às vezes, se irritava muito com o choro dos filhos: Apesar do orgulho do Capitão por sua mulher ter lhe dado o filho macho que tanto ansiava ele passou por muitos momentos controversos, com sentimentos contraditórios: “Mas havia momentos em que Rodrigo perdia a paciência com os filhos. Era quando eles o despertavam à noite com seu choro. - Cala essa boca, filho duma mãe! - exclamava, revolvendo-se na cama. Bibiana procurava ninar a criança, que chorava. Às vezes as duas começavam a berrar ao mesmo tempo. Esgoela esse desgraçado - resmungava Rodrigo. E uma noite, vendo que as crianças não cessavam de chorar, ergueu-se da cama, furioso, e foi dormir no quintal, debaixo duma laranjeira. Bibiana tomava conta dos filhos, alimentava-os, lavava-os, vestia-os e afligia-se quando eles adoeciam. Rodrigo não a ajudava em nada. (VERÍSSIMO, 1995, p. 294-295) A recusa à maternidade seria o primeiro caminho para subverter a dominação masculina e possibilitar que as mulheres buscassem uma identidade mais ampla, mais completa e, também, pudessem reconhecer todas suas outras potencialidades. A maternidade confina as mulheres. Rodrigo

espanta-se como o sofrimento que um parto significa: ”- Fazia os filhos virem ao mundo de outro jeito. Eu vi o que a Bibiana sofreu. É medonho.“ (VERÍSSIMO, 1995, p. 269) Ele almejava o filho, mas um filho crescido, mulhereiro e jogador, talvez um guerreiro... Queria que crescesse e se tornasse um homem para andar com ele a cavalo ou atrás de mulheres, que este sim, era papel dos homens, segundo os princípios de Rodrigo Cambará:

— Já viu, Bibiana? É bem Cambará, este diabo. E vai dar muito trabalho às moças. Quando ele tiver catorze anos quem vai procurar mulher pra ele sou eu.[...]. — E se me sair maricás, que Deus nos livre, atiro ele no primeiro perau que encontrar no caminho.[...] — Mas este não tem perigo. Já estou vendo na cara do bichinho. Vai ser macho mesmo. Capitão Bolívar Cambará. Dará muito que falar. Quero viver bastante para ver meu filho homem feito e poder andar um pouco com ele por este mundo velho. (VERÍSSIMO, 1995, p. 287)

Rodrigo sentia, em muitos momentos, repulsa pelos elementos que constituíam sua *prisão* — o lar, Bibiana, os filhos, enfim, a família. Rodrigo Cambará é um personagem mulhereiro, acostumado a ter as mulheres que consegue em suas andanças. As mulheres eram, a seus olhos, coisas, alimentos, que serviam para saciar seus apetite. “Naquele momento seu desejo por Bibiana se confundia com uma sensação de fome e Rodrigo começou a pensar alternadamente na rapariga e num churrasco.” (VERÍSSIMO, p.90) Rodrigo começou a procurar outras mulheres, abertamente. Ele colocou o padrão patriarcal sob ameaça ao não cumprir com seu papel, bebendo em bares e passando longo tempo longe de casa e das obrigações que lhe eram impostas. Muitos homens faziam o mesmo em relação a procurar outras mulheres fora do casamento; era o que se esperava como padrão de comportamento na sociedade patriarcal, onde homens traíam e eram tolerados por suas mulheres, mas era necessário que certos limites fossem respeitados.

. “As leis bárbaras, mesmo as menos cristianizadas, são extremamente severas em relação aos adúlteros, aos raptos e às violações. Numa sociedade onde o pacto conjugal constitui a base da paz entre famílias rivais, toda violação às regras do casamento é proscrita. Assim o guerreiro bárbaro que frequenta uma prostituta tem boas chances de ver seu sogro enterrar-lhe um machado no crânio. (CORBIN, 2013, p. 139)

## **FALSTAFF E AS MULHERES**

Falstaff mora na estalagem da senhora Quickly e se prepara para ir à guerra de onde talvez não volte e a senhora decide que precisa receber o que ele deve o que não é pouco. Falstaff é um personagem que sempre tenta submeter quem lhe parecesse a presa mais provável. A senhora Quickly mostra-se subserviente, muito humilde em relação a ele, ainda que a relação seja em grande parte de comércio, ou seja, hospedagem. Quando ela o vê partir para a guerra, sem pagá-

la, presta uma queixa contra ele ainda que Falstaff seja um homem por quem ela tenha uma admiração irrestrita.

ESTALAJADEIRA – Sua partida me arruína. Asseguro-vos que a conta dele, aqui em casa, não tem fim. [...] Pelo amor de Deus, uma vez que a minha ação já deu entrada e que todo o mundo sabe do meu caso, obrigai-o a prestar contas. Cem marcos é muita coisa para uma mulher sozinha. No entanto, eu aguentei, aguentei, aguentei; e ele foi adiando, adiando, de um dia para outro, que dá vergonha só em recordá-lo. Isso não é sério, a menos que se faça da mulher um asno, um animal para suportar os mal-feitos de qualquer maroto. (SHAKESPEARE, 2H4, 1995, II, I, 229- 30)

A violência de gênero surge então em decorrência do sistema de dominação incrustado na sociedade, que se utiliza desse mecanismo para manter a ordem estabelecida culturalmente, na qual coloca a mulher numa posição inferior ao homem.

Falstaff feriu seus direitos; ao usá-la, abusou de sua confiança. Tais atos não deixam de ser uma violência. A senhora Quickly encontra-se numa relação onde prevalece a submissão ao homem, na qual há prejuízo a sua incolumidade física, psicológica e moral.

GARRA – Sir John, eu vos detenho a requerimento de mistress Quickly. FALSTAFF – Para trás, canalha! Saca da espada, Bardolfo! Corta-me a cabeça a esse velhaco! Atira essa bruaca no canal! ESTALAJADEIRA – Atirar-me ao canal? Eu é que vou atirar-te ao canal, bastardo imundo. [...] És um assassino, um matador de homens e de mulheres. (SHAKESPEARE, 2H4, 1995, II, I, 229)

Falstaff usa esta condição submissa da estalajadeira que procura satisfazer a todos os seus desejos. Ele aproveita-se da subserviência dela, que ao esvaziar-se de si mesma, assume a forma de serva: “FALSTAFF – Desafasta, lava-pratos! Víbora! coisa à-toa! [...]LORDE JUIZ – Que aconteceu? Quietos, eh! ESTALAJADEIRA – Meu bom senhor, sede-me favorável; ficai do meu lado, por compaixão.” (SHAKESPEARE, 2H4, 1995, II, I, 229) Aproveitando-se deste aspecto social e cultural que favorece os homens, Falstaff reina, se regozija enganando-a e se aproveitando de sua boa-fé, não hesitando em ofendê-la publicamente. Sua palavra e sua pessoa foram empenhadas à senhora Quickly, “não juraste, quando eu te lavava a ferida, que haverias de casar comigo e fazer-me milady tua esposa? Atreves-te a negá-lo? “(SHAKESPEARE, 2H4, 1995, II, I, 229- 30) Certamente Falstaff não tinha a intenção de entregar nenhuma das duas, ainda que fosse um homem pródigo ao prometer: “E não me beijaste, então, pedindo que te fosse buscar trinta xelins? Vamos; avivo-te agora o juramento; nega-o, se fores capaz” (Shakespeare,

II, I, 230) Na verdade, nem ao menos pensa que deve mais à estalajadeira. Só quer enganá-la mais uma vez. “FALSTAFF – Vem aqui, estalajadeira. (Chama-a à parte.) “ (p. 231) Ora, lamentamos não presenciar o que ele disse para convencê-la, mas só chegamos a tempo de ouvi-la dizer: “Sempre dizes a mesma coisa.” (p. 231) A mesma coisa significaria um pedido de casamento seguido de um pedido de empréstimo e o empenhar sua palavra de cavalheiro a serviço do rei. Ao retornar à presença dos dois a vemos pronta a desfazer-se de sua louça, sua prata e tapetes, para emprestar-lhe mais dinheiro: “ESTALAJADEIRA – Por este chão celeste em que eu piso, vejo-me forçada a empenhar toda a minha baixela de prata e os tapetes das salas de jantar. “(SHAKESPEARE, 2H4, 1995, II, I, 231) Ao ficar a sós com ela consegue, não só que ela retire a queixa, mas que prometa conseguir ainda mais: “Que sejam dez libras, se te for possível. Vamos, tirando o teu gênio, não há mulher tão boa como tu em toda a Inglaterra. Vai lavar o rosto e retirar a queixa. Vamos, não te aborreças comigo. (SHAKESPEARE, 2H4, 1995, II, I, 231) E ela mostra-se, novamente disposta a prover-lhe no que for necessário: Pois hei de obter essa importância, ainda que tenha de empenhar a própria roupa. Penso que viestes para cear. Pagar-me-eis tudo junto, não é verdade? (SHAKESPEARE, 2H4, 1995, II, I, 231) Não satisfeito, pede a ela para fazer-lhe um jantar de despedida. Ela promete e oferece-se para convidar uma prostituta amiga, Doll, que tem um caso com Falstaff e é moradora da estalagem em que vivem todos eles: “ESTALAJADEIRA – Quereis que eu convide Doll Tearsheet para a ceia?”(SHAKESPEARE, 2H4 II, I, p. 231) Apesar de a senhora Quickly ter sido explorada por anos sem receber o que lhe era devido, ela faz o jantar que Falstaff lhe pede e convida Doll, com quem ele tinha um relacionamento, que não era um relacionamento de cliente para prostituta, já que prostituição pressuporia um pagamento por parte do cliente que usa a prostituta e Falstaff não pagava nada a ninguém; suas relações eram todas de exploração e isso incluía explorar também a prostituta. Falstaff diz que as mulheres deixam os homens gordos e que elas passam doenças a eles. Ela replica que eles apanham as joias delas: “FALSTAFF – Se o cozinheiro é auxiliar da gula, vós o sois das doenças, Doll. É de vós que as apanhamos, Doll; é de vós que as apanhamos. Concordai nisso, minha virtude; concordai nisso. DOLL – Sim, de nós apanhais joias e correntes. FALSTAFF – Ah, vossos broches, pérolas e brincos!”(SHAKESPEARE, 2H4, 1995, II, IV, 239) Ele era um mulherengo que explorava as mulheres, não só no sentido de fazê-las



servi-lo, mas de tirar-lhes dinheiro. Ele diz que sua vocação era roubar e que “seguir a própria vocação não é pecado para ninguém” (SHAKESPEARE, 1H4, 1995, II, 147) A senhora Quickly dá conselhos a Doll, pede-lhe que não brigue, que se aceite como a parte mais fraca, argumentando que são elas que tem que suportar: compete as mulheres retroceder, entender, aceitar. Se as mulheres incorporaram essas ideias e não tentam libertar-se, é impossível libertar o homem dessas amarras, que também para eles não deixa de ser sufocante, já que também eles não são livres para agir, mas devem obedecer parâmetros: agir como ( e ser) o dominador: ”é preciso que um aguente o outro, e isso compete a vós, **por serdes o vaso mais fraco, como eles dizem, o mais vazio.** DOLL – Como pode um vaso fraco e vazio suportar um tonel cheio como este?” (SHAKESPEARE, 2H4, 1995, II, IV, 239, grifo nosso) Quem satisfaz os desejos de outro durante todo um relacionamento pode até ser levada a pensar que serve por vontade própria A mulher subordina-se à autoridade masculina, acostumando-se a ver essas atitudes autoritárias como algo inerente aos homens e acredita que a subordinação é inerente às mulheres; tamanha bagagem cultural leva à servidão humana; difícil de fazer desaparecer somente porque agora se sabe que ela não é tão inerente assim, que as histórias dos relacionamentos podem dar-se de outras maneiras.

## CONCLUSÃO

As práticas sociais se constroem coletivamente e como tal, vêm se construindo através da história seguindo um modelo que se originou a muitos milhares de ano, primeiramente pelos mitos sociais e logo após pelo cristianismo, reproduzindo o padrão de homem dominante e mulher subjugada. O modelo perfeito de mulher seria a aquele da mulher submissa e abnegada, que se adapta impecavelmente no mundo masculino. Essa construção serve para facilitar a acomodação das regras impostas e a aceitação dos mitos sociais que determinam as diferenciações de gênero, ensinados em casa, e nas relações sociais. As ações são observadas e cobradas pelo coletivo. Todos são responsáveis pelas convenções. O casamento, a família e sua harmonia eram laços a serem mantidos. Percebe-se que não são muito diferentes nossos personagens ainda que distantes geográfica e temporalmente e que a “dominação masculina persiste, mas tende a perder seu sentido à medida que a igualdade avança.” (CORBIN, 2013, p. 8) Muitas mulheres fizeram grandes coisas de suas vidas mesmo sob regimes autoritários e

ambientes castradores e essas atitudes que a princípio foram esparsas começaram a espalhar-se e colaborar para que a época da dominação masculina e das mulheres submissas esteja ficando para trás enquanto a mulher galga posições de igualdade. A história dos relacionamentos pode vir a dar-se de outras maneiras. Homens e mulheres são diferentes fisiológica e biologicamente, mas não é necessário marcar o caráter social desta distinção sexual, pois isso só faz acentuar essas diferenças. Em outros termos, homens e mulheres podem até serem distintos biologicamente, mas socialmente não deveriam ser. Masculinos e femininos deveriam estar em igualdade de condições, sem que a sociedade produza modelos caracterizados e padronizados de identidade e que os indivíduos sejam obrigados a forjá-las e adequá-las a determinados padrões de masculinidade e feminilidade para que sejam aceitos. Tem-se falado de uma crise da masculinidade onde o homem, ao ver-se perdendo sua antiga identidade, angustia-se por não saber como construir-se novamente, em quem nortear-se. A sociedade tem mudado, no sentido de transgredir as definições sociais da masculinidade e de desconstruir representações obsoletas dos homens e do masculino. Os reflexos desta crise de identidade no momento em que os homens perdem suas próprias identidades, espalha-se pelo mundo contemporâneo: eles devem escolher uma nova identidade hegemônica; buscar uma nova forma de representação. Esta busca ainda não está concluída, essas discussões são recentes e figuras como Falstaff e Rodrigo Camará não fazem parte dessa nova ideia, mas ainda estão fortemente presentes em nossas sociedades. Porque ainda não totalmente mudados, temos ainda esses personagens como mitos em nosso imaginário com suas masculinidade produzidas pelas construções sociais que continuam a ser reproduzidas nas sociedades masculinizadas que privilegiavam aspectos essencialmente masculinos referentes aos corpos e sexualidades, em detrimento dos femininos ainda fortemente subjugados. Estes personagens são modelos ainda existentes na nossa sociedade apesar de atualmente estarem perdendo suas forças o que vem ao encontro de anseios, não só das mulheres mas também de homens.

## **REFERÊNCIAS**

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Traduzido por Maria Helena Kuhner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

- BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia*. Histórias de deuses e heróis. 9. Edi. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- COURBIN, Alain et al. *História da virilidade 1: A invenção da virilidade – Da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- GOMES, Edmundo de Paula et al. *A dominação na França medieval nos séculos XIV e XV: um legado às contemporâneas brasileiras*. (2011, [http://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2011/06\\_HISTORIA\\_ADominacao.pdf](http://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2011/06_HISTORIA_ADominacao.pdf)
- JURKEVICS, Vera Irene. *Virgem maria: paradigma da superioridade espiritual feminina*, 2010. [http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1276543954\\_ARQUIVO\\_VIRGEMMARIAParadigmadasuperioridadeespiritualfeminina](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1276543954_ARQUIVO_VIRGEMMARIAParadigmadasuperioridadeespiritualfeminina)
- MOORE JR., Barrington. *As origens sociais da ditadura e da democracia: senhores e camponeses na construção do mundo moderno*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- RIBEIRO, Silvana Mota. *Ser Eva e dever ser Maria : paradigmas do feminino no Cristianismo*. 2000. [http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5357/1/MotaRibeiroS\\_EvaMaria\\_00.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5357/1/MotaRibeiroS_EvaMaria_00.pdf)
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SHAKESPEARE, William. *As alegres comadres de Windsor*. In: \_\_\_\_\_. *Obra Completa*. Vol. 2: Comédias e peças finais. Tradução F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes. Tradução de: *The Merry Wives of Windsor*. 1969. 3 v. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 67-135.
- \_\_\_\_\_. *Henrique V*. In: \_\_\_\_\_. *Obra Completa*. Vol. 3: Dramas históricos, obras líricas, apêndice. Tradução F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes. 1969. 3 v. Tradução de: *The Life of Henry V*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 289-365.
- \_\_\_\_\_. *Primeira Parte do Rei Henrique IV*. Vol. 3: Dramas históricos, obras líricas, apêndice. Tradução F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes. 1969. Tradução de: *The First Part of Henry the Fourth*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 139-209.
- \_\_\_\_\_. *Segunda Parte do Rei Henrique IV*. Vol. 3: Dramas Históricos, Obras Líricas, Apêndice. Tradução F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes. 1969. Tradução de: *The Second Part of Henry the Fourth*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 211-288.
- VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento*. O arquipélago. 31. ed. São Paulo: Globo, 1995a.
- WEIR, Stephen. *As piores decisões da História*. Rio de Janeiro, Sextante, 2014.